

# resenhas





## As Janelas do Espetáculo

---

ALEPH EICHEMBERG

**O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues**, de Ismail Xavier. São Paulo: Cosac Et Naify, 2003, 384 p.

**Resumo** *O olhar e a cena*, livro de Ismail Xavier, analisa o percurso da cena melodramática, rastreando sua evolução desde a sua origem até o cinema, onde encontrou um veículo por excelência para o seu pleno desdobramento. Destacando, em particular, as obras de Griffith e Hitchcock, e a cena cinematográfica herdada de Nelson Rodrigues, Xavier analisa esse desdobramento à luz de sua articulação constante com as possibilidades que o cinema abriu ao desejo de olhar.

**Palavras-chave** cinema, melodrama, Nelson Rodrigues

**Abstract** *O olhar e a cena* analyses the course of the melodramatic scene, tracking its evolution since its origin until the cinema, where it found a vehicle par excellence for its full unfolding. Emphasizing, in particular, the works of Griffith and Hitchcock, and the cinematographic scene inherited from Nelson Rodrigues, Xavier analyses this unfolding under the light of its constant articulation with the possibilities that the cinema opened to the desire of seeing.

**Key words** cinema, melodrama, Nelson Rodrigues

Em seu novo livro, *O olhar e a cena*, Ismail Xavier reúne alguns de seus textos publicados entre 1988 e 2003 e coloca em foco a passagem do teatro e da literatura para o cinema. Numa jornada fascinante, Xavier mostra que a evolução da cena começou no século 18, muito antes do advento do cinema. De fato, a consciência

da importância da cena surge com Diderot, o filósofo, dramaturgo e crítico francês que, com Rousseau e d'Alembert, lançou a *Encyclopédie*, e que definiu as regras do drama burguês e da cena melodramática. Xavier estuda o desenvolvimento dessa cena e as virtudes que ela tornou manifestas no cinema, demorando-se um pouco mais na análise do alto grau de maturidade que ela atingiu na obra de Alfred Hitchcock, e no intenso impacto crítico que ela manifestou na cena herdada de Nelson Rodrigues.

Xavier também analisa a importância do olhar, o outro pólo essencial do cinema, a "janela da alma" de Griffith, e também o desenvolvimento da cena e da imagem cinematográficas em articulação constante com as possibilidades abertas ao desejo de olhar.

Num livro que é, essencialmente, uma sondagem aprofundada das relações entre o olhar e a cena, Xavier nos faz ver o complexo universo cinematográfico pelo olhar dele, um olhar especializado em pensar o cinema, e que nos guia chamando-nos a atenção para inúmeros pontos-chave do caminho: a quarta-parede, o olhar do retrato, a sacada de Pudóvkin para conseguir do ator a expressão desejada no filme *A mãe* (1926), a outra óptica do *close-up*, a importância da moldura, a foto recortada, "a inauguração de um novo diálogo com a natureza e os homens" (p. 40), as janelas indiscretas, a "engenharia da simulação", o melodrama de Griffith, os espelhos, os retratos, e assim por diante.

Na primeira parte do livro, Ismail Xavier nos transporta para os primórdios do cinema, para aquele tempo em que o cinema ainda era uma perspectiva em aberto, um recurso inédito capaz de proporcionar ao olhar do espectador uma liberdade nunca vista antes. Ele nos faz ver a importância de tentarmos enxergar a imagem e a cena com o mesmo tipo de óptica que orientou os primeiros exploradores desse novo meio. Em suas palavras: "*Vislumbra-se o cinema enquanto inauguração de um universo de expressão sem precedente, destinado a provocar uma ruptura na esfera da representação.*" (p. 37)

Desse modo, ao atrair o nosso olhar para o de Griffith, Xavier destaca a formação do melodrama no cinema, examinando as pesquisas pioneiras desse cineasta sobre as relações entre o olhar cinematográfico e a cena melodramática, a importância que o cineasta atribuía ao olhar no novo contexto, seu aspecto de ruptura e de novidade, sua capacidade de favorecer a empatia, preenchendo as telas com seus famosos *close-ups*, num processo que mais adiante despertaria novas leituras, em particular leituras críticas, que se voltaram para a ruptura da representação e que iriam se traduzir no cinema de *avant-garde* e nas experiências dos surrealistas, manifestando o desejo de libertação do olhar.

Se o *avant-garde*, com seu desejo de romper os limites da representação, conferindo ao olhar a liberdade de sondar poeticamente a cena, iria aparecer para se contrapor ao cinema-indústria, dentro de Hollywood a evolução se desdobraria no sentido de explorar a fundo as possibilidades da estrutura melodramática. No teatro, as limitações da representação impediam o espectador de desfrutar plenamente da cena melodramática (a proximidade dos atores e atrizes, as sutilezas das emoções, os pequenos detalhes das ações). Com o cinema de grande público, essas limitações, que são as limitações do olhar, foram, por assim dizer, "implodidas", ao passo que as regras clássicas do melodrama se aperfeiçoaram, consolidaram e evoluíram à medida em que as possibilidades abertas pelas novas técnicas cinematográficas lhes foram abrindo o caminho. Com isso, a identidade do espectador de cinema com a cena melodramática passou a ter a medida exata do desejo do seu olhar. Ele vê tudo o que o espectador do teatro clássico sempre quis ver, mas nunca pôde por causa dos limites físicos da representação. Agora, porém, graças à magia do cinema, o olhar "entra" na cena melodramática.

Um dos pontos altos do livro é o estudo que Xavier faz sobre o desdobramento desse processo, cujo início ele estuda em Griffith e cuja maturidade plena ele reconhece em Hitchcock, colocando o mestre do suspense no apogeu da arte da representação nas telas, e destacando a estrutura do jogo nas relações entre o olhar, a cena e a fantasia. A obra de Hitchcock representou assim um momento crucial da transposição do teatro para o cinema. O grande exemplo, analisado com muita acuidade pelo autor, que nos aponta a profunda reflexão que o mestre do suspense nos oferece a respeito das relações entre o olhar e a cena, é o seu clássico *Janela indiscreta* (1954), em que Hitchcock, por sinal, começa o filme com cortinas se abrindo e encerra a trama fechando-as. Nesse cinema, como Xavier nos leva a refletir, o próprio olhar ocupa o centro do palco, como se ele próprio fosse um novo personagem. Prosseguindo nessa análise, Xavier direciona o nosso olhar para uma outra característica-chave desse clássico: o seu lado *voyeur*. Numa época com tantos *reality shows* na TV e *webcams* espalhadas pela Internet, essa obra-prima transforma a nós, espectadores, em *voyeurs* de um tipo especial, que, assim como o ator James Stewart, ficam "espiando" as janelas do inacreditável cenário construído por Hitchcock, e, colados na cena, nela reconhecem todo o poder desse novo olhar, um olhar que, num clímax inesperado, imobiliza o arquetípico vilão a golpes de *flash* e ganha tempo para conquistar o triunfante *happy end* dos melodramas.

Outro bom exemplo explorado por Xavier é *Um corpo que cai* (1958), em que o autor direciona o tema do olhar, como o próprio título original já diz, para a vertigem, analisando o olhar que, por assim dizer, "entra em parafuso", seguindo um

percurso em espiral como um "mergulho na interioridade", na imagem da mulher que não é a mulher que é a mulher, no que está visível e no que se torna visível fora do campo de visão. E nos dois clássicos analisados, Xavier destaca a grande arte dessa "engenharia da simulação", a sedução da cena aliada ao que está invisível, ao jogo de espelhos, um jogo em que o olhar segue o eixo do melodrama enquanto se espirala entre o ser e o parecer.

Xavier faz ainda uma leitura de alguns desdobramentos mais recentes do melodrama. Genialmente explorado por Griffith e Hitchcock, esse gênero iria se tornar extremamente popular em Hollywood. Em filmes mais recentes, o autor destaca, entre outras, as obras de Steven Spielberg e George Lucas, para comprovar a eficiência e a fecundidade do casamento entre Hollywood e o melodrama griffithiano. Em especial, destaca o filme *Forrest Gump, o contador de histórias* (1994), de Robert Zemeckis, em que o personagem abre várias janelas ao percorrer o seu caminho na vida. Por meio delas, podemos vislumbrar alguns fatos decisivos, e devidamente "distorcidos", da história entre os anos 50 e 80.

Na segunda metade do livro, o autor faz um estudo abrangente e minucioso sobre as relações entre o teatro e o cinema brasileiro. Fala a respeito do cinema político dos anos 60, das minisséries *Anos dourados* e *Anos rebeldes*, de Gilberto Braga, e suas relações com o melodrama e, principalmente, das adaptações de Nelson Rodrigues para o cinema, quando nos mostra haver três ondas distintas de adaptações da obra do dramaturgo, passando pelo Cinema Novo e por Arnaldo Jabor.

A primeira onda dessas adaptações vai de 1962 a 1966, e abrange seis filmes, entre os quais se destacam *Boca de Ouro* (1962), de Nelson Pereira dos Santos, e *A falecida* (1965), de Leon Hirszman, ambos objeto de minuciosa e esclarecedora análise. A segunda, a mais rica, segundo Xavier, compreende o período que vai de 1978 a 1983 e abrange 7 filmes, entre eles: *A dama do lotação* (1978), de Neville de Almeida, *O beijo no asfalto* (1980), de Bruno Barreto, *Bonitinha mas ordinária* (1980) e *Perdoa-me por me traíres* (1983), ambos de Braz Chediak.

Finalmente, dois filmes constituem a terceira onda de adaptações realizadas em 1998 e 1999. Entre a primeira e a segunda dessas ondas, Xavier destaca mais duas obras-chave: *Toda nudez será castigada* (1972) e *O casamento* (1975), ambas de Arnaldo Jabor. Xavier abre um parêntese especial a esse cineasta na parte final do livro: diante dos bastidores do período do governo Collor, ele reconhece o cáustico olhar de Nelson Rodrigues nas crônicas que Jabor então escreveu.

Na terceira e última parte do livro, o autor dirige sua atenção para o Cinema Novo e para essas várias leituras que se fez das obras de Nelson Rodrigues, além de nos oferecer, como pano de fundo, uma sucinta descrição do panorama histórico-

político-social da época. Por meio dessas obras incômodas, Xavier nos guia por essas catacumbas do escabroso, escancarando as janelas da sociedade com o poder da arte cinematográfica e revelando um novo universo de máscaras sentimentais. A vida como ela é, no centro do palco, mas também, e principalmente, nos bastidores, e sem as cortinas que confundem a nossa visão. Em suma, Xavier nos guia para nos mostrar como o olhar cinematográfico, que trazia como pano de fundo aquela consciência política aguçada dos anos 60, via em sua estrutura, em sua moldura e em seus detalhes a obra do dramaturgo. Procura destacar a importância de um olhar crítico sobre essa cena, devidamente distanciada para que nela se possa reconhecer a moldura social, política e cultural que enquadrava o Brasil na época.

Naturalmente essa maneira de enxergar Nelson Rodrigues fez com que os olhares de vários cineastas se voltassem, como Xavier analisa com muito discernimento, para diferentes aspectos e diferentes enfoques dessa explosiva cena melodramática, enxergada contra o pano de fundo desse teatro real em que o poder dominante nos convocava (e ainda nos convoca) a atuar.

Neste momento de transição por que passa a imagem cinematográfica, prestes a sondar novos elementos que estão se integrando à articulação entre o olhar e a cena, entre os quais a manipulação digital da imagem e as perspectivas da interatividade, elementos que sem dúvida irão abrir uma nova dimensão no diálogo, *O olhar e a cena* nos faz voltar os olhos para o fato essencial de que as imagens e as cenas que desfilam todos os dias diante de nós nas telas à nossa frente são apenas a ponta do iceberg. De fato, Xavier nos leva a reconhecer a evidência fundamental de que uma única cena cinematográfica (naturalmente acompanhada de sua moldura) encapsula vários níveis de conhecimento, entre os quais, o filosófico, o cultural, o estético, o social, o histórico, o político e o psicológico. *O olhar e a cena* vem nos lembrar de que é principalmente com essa estrutura rica e complexa, e não apenas com a mera profusão das imagens, que o cinema do futuro irá responder ao desejo do olhar.

ALEPH TERUYA EICHEMBERG é videoartista e *webdesigner*. Já teve trabalhos exibidos em festivais e mostras internacionais de cinema e vídeo, como a Mostra Internacional de Curtas do Rio de Janeiro (2002) e o FLUXUS – Festival Internacional de Cinema na Internet (2002). Atualmente investiga as possibilidades criativas do cinema no âmbito das novas mídias, em pesquisa de mestrado em curso no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUCSP.

*Resenha agendada em outubro de 2003  
e aprovada em fevereiro de 2004.*